



Instituto de Artes - IDA
Departamento de Artes Cênicas - CEN
Diplomação em Artes Cênicas II

Jéssica Silva Lima
(140054065)

A formação de Artistas e Arte-Educadores no departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e a lei 10.639/03: por um currículo que (também) contemple o pensamento decolonial na perspectiva negra.

Brasília,
2018



Instituto de Artes - IDA
Departamento de Artes Cênicas - CEN
Diplomação em Artes Cênicas II

Jéssica Silva Lima
(140054065)

A formação de Artistas e Arte-Educadores no departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e a lei 10.639/03: por um currículo que (também) contemple o pensamento decolonial na perspectiva negra.

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Cênicas como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Jonas de Lima Sales.

Brasília,
2018



Instituto de Artes - IDA
Departamento de Artes Cênicas - CEN
Diplomação em Artes Cênicas II

JÉSSICA SILVA LIMA
140054065

A formação de Artistas e Arte-Educadores no departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília e a lei 10.639/03: por um currículo que (também) contemple o pensamento decolonial na perspectiva negra.

Monografia apresentada ao Departamento de Artes Cênicas - CEN, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília.

Resultado: _____

Banca Examinadora:

Orientador: _____

Prof. Dr. Jonas Sales de Lima
CEN/UnB

Membro interno: _____

Examinador Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso
CEN/UnB

Membro externo _____

Examinadora Profa. Ma. Cristiane Sobral
SEEDF/DF

Dedico este trabalho a minha mãe Edileia de Carvalho, ao meu companheiro Leonardo Santos e ao meu filho Ulisses Lima.

Também dedico este trabalho ao meu colega de curso, Danieu Alves (*in memoriam*) jovem negro e que tinha o sorriso como principal arma contra os preconceitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, a minha mãe, Edileia de Carvalho Silva, por me educar com muito amor, superando todas as dificuldades. Mulher forte, exemplo de mãe. Obrigada por sempre acreditar e alimentar meus sonhos.

Agradeço ao meu companheiro, Leonardo Santos, pelo seu amor, pelo seu companheirismo, por ouvir meus anseios e não me deixar desistir. Esse último ano foi transformador com a chegada do nosso filho, Ulisses, fruto do nosso amor e que tem nos ensinado muito.

Agradeço aos meus amigos, Ingreth Adri, Jemima Bracho, Tiago Britto, Tiago Teixeira e Thiago Silva, Luiza Veloso e Luiz Carrier, por terem feito parte da minha trajetória no curso e me presentear com suas amizades.

Agradeço a todos os professores do departamento que passaram pela minha formação. Em especial, ao meu primeiro orientador Graça Veloso e ao meu atual, Jonas Sales, pela paciência e ajuda.

Agradeço a Cristiane Sobral, Edileuza Penha de Souza, Marly Silveira e Rita Silvana, mulheres negras que tenho como inspiração.

Agradeço também a todos e todas que me ajudaram na realização deste trabalho.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| TABELA 1 – Informações gerais sobre os participantes | 29 |
|---|----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| CACEN | Centro Acadêmico de Artes Cênicas |
| CEN | Departamento de Artes Cênicas |
| ICA | Instituto Central de Artes |
| IDA | Instituto de Artes |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| MEC | Ministério da Educação |
| PIBIC | Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica |
| TEN | Teatro Experimental do Negro |
| UERJ | Universidade do Estado do Rio de Janeiro |
| UNB | Universidade de Brasília |
| UAB | Universidade Aberta do Brasil |

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar e discutir aspectos gerais da formação de Artistas e Arte-Educadores, no departamento de Artes Cênicas (CEN) da Universidade de Brasília (UnB), tendo como base a aplicação da Lei nº 10.639/03, que contempla o ensino das Culturas e Histórias dos povos Afro-Brasileiros e Africanos. Para a execução desta pesquisa foi aplicado um questionário, que traz a vivência de alguns discentes negros sobre suas formações dentro do departamento, contando com o auxílio da trajetória pessoal e acadêmica da autora. Neste estudo também conta-se com uma perspectiva sobre o pensamento decolonial, além de um breve resumo histórico das ações afirmativas no Brasil. Assim, pretende-se pensar em ações que visam incluir às Relações Étnico-Raciais, nos cursos de Artes Cênicas do departamento CEN/UnB, pensando em possibilidades que cruzem com o campo das Artes Cênicas. Com isso, concluiu-se que não existe total ausência dos elementos presentes na Lei nos cursos do CEN/UnB, mas ainda são inexpressivos se comparados com os de origem europeia.

Palavras Chaves: Formação de Artistas e Arte-Educadores; Departamento de Artes Cênicas; Lei nº 10.639/03; Pensamento Decolonial; Relações Étnico-Raciais.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 1 PENSAMENTO DECOLONIAL COMO MOTE PARA A EMANCIPAÇÃO..... | 13 |
| 1.1 Contextualizando a Lei 10.639/03 e as ações afirmativas..... | 16 |
| 2 A FORMAÇÃO DE ARTISTAS E ARTE EDUCADORES NOS CURSOS DO DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS (CEN) DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB) | 19 |
| 2.1 O caminho metodológico | 19 |
| 2.2 O Local – Departamento de Artes Cênicas – CEN | 20 |
| 2.3 Os cursos | 21 |
| 2.3.1 Os currículos..... | 22 |
| 2.4 Para além da sala de aula..... | 24 |
| 3 NÓS, NEGROS - ARTISTAS E ARTE EDUCADORES. | 27 |
| 3.1. Os sujeitos desta pesquisa..... | 30 |
| 3.2. Questões em aberto..... | 31 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS – TRABALHANDO COM INCERTEZAS..... | 43 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 46 |
| ANEXO..... | 49 |
| APÊNDICE..... | 51 |

INTRODUÇÃO

Dou início a esse texto trazendo o pensamento de que é necessário citar que nosso país passa por um período de transição de governo, o que me traz grande preocupação para o nosso futuro. Percebo que pode ser uma ameaça aos apontamentos presentes neste trabalho, para a universidade pública e a atuação de Artistas e Arte Educadores no qual destaco os negros.

Este trabalho tem por objetivo a discussão de aspectos gerais na formação de Artistas e Arte Educadores, no departamento de Artes Cênicas (CEN), na Universidade de Brasília (UnB). Levando em consideração a integração da Lei nº 10.639/03¹ nesse processo. Com o auxílio da minha trajetória e a de alguns colegas negros do curso.

Diante disso, faço uma breve exposição de fatos e observações que estiveram comigo ao longo de minha formação em Licenciatura em teatro.

Ao entrar no curso de Licenciatura em Artes Cênicas, na UnB, não possuía grandes expectativas. Não pela falta de interesse, mas por não fazer ideia do que encontraria no espaço da Universidade. No meu imaginário, me deparava com grandes cargas de leitura, a possibilidade de fazer colegas da futura profissão, entre varias outras coisas. Sendo a minha maior preocupação, talvez, a de não achar que poderia, de forma satisfatória, fazer parte deste espaço.

Pensamentos assim passam na cabeça de muitos jovens, principalmente, a se ver diante de tantas opções, e obrigado, a "ser alguém" socialmente. No meu caso, desde a infância, tinha como certo a carreira docente. Eu me espelhava em meus professores e sempre achava que podia ensinar algo, mesmo que fosse para minhas bonecas. A vontade de ingressar na área artística profissionalmente veio depois, na adolescência, mesmo morando na entorno, minha mãe conseguiu me matricular numa escola no Plano Piloto de Brasília - DF, e posteriormente, tive contato com a escola parque² da rede pública de ensino.

Mesmo com tantos sonhos, entrar no curso superior parecia distante visto eu, uma jovem negra advinda da periferia, filha de uma empregada domestica e um caminhoneiro e que ainda não tinha familiares próximos ocupando espaços fortemente elitizados. Com o final do meu ensino médio, querer ser professora e artista pareceu ser uma péssima alternativa, já

¹ A Lei 10.639/03 trata sobre o ensino das Culturas e Histórias dos povos africanos e afro-brasileiros na Educação básica e formação de professores, foi atualizada pela Lei 11.645/08 incluindo os povos indígenas.

² Escola Parque, modelo de instituição proposta por Anísio Teixeira no plano educacional de Brasília. Nas escolas-parques de Brasília os alunos “a atividades artísticas, sociais e de recreação (música, dança, teatro, pintura, exposições, grêmios, educação física)”. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt02-667-intok.pdf> Acesso: 15 de nov. de 2018.

que desejava ascensão social. Infelizmente, ambas as carreiras, são fortemente desvalorizadas em nosso país.

Posso escrever muitas e muitas linhas sobre minha trajetória, mas esse não é o foco central deste trabalho. O que partilho disso é que se durante minha formação básica pudesse ter entrado em contato com estudos que abarcassem a perspectiva histórica dos negros para além da escravidão, poderia de forma mais rápida me ver como protagonista social ao longo desse processo de formação.

Nosso país ainda é fortemente marcado pelo racismo. Mostrar/ensinar que o negro tem o seu lugar de participação ativa em nossa história, nos permite andar em contramão da manutenção de pensamentos racistas e colonizadores. Considero que com a arte podemos ampliar a visão de mundo e de todos que o cercam, somado com a educação, buscar pela transformação dos sujeitos.

Vejo claramente que falar sobre as Relações Étnico-Raciais ainda é necessário, principalmente nos espaços de educação. No caso dos discentes da licenciatura, quando pensamos no cotidiano escolar e na diversidade Étnico-Racial e social dos alunos, especificadamente na rede pública de ensino.

Segundo o Antropólogo Kabenguele Munanga (2003, p.03), o conceito de "negro" foi criado a partir de uma visão europeia. Essa buscava marcar, pela diferença de cor com o continente africano a criação do que seria outra raça, vista como inferior, justificando, assim, ações de escravização e colonização. Com estudos científicos ficou comprovado que raça, biologicamente falando, é apenas uma, logo raças não existem.

Em alguns estudos da educação e antropologia, raça ganha uma nova esfera partindo para questões sociopolítico-econômicas. Assim temos o campo de estudo das Relações Étnico-Raciais que visa se aprofundar nas questões da identidade negra e a face operante do racismo.

Uma grande vitória para a educação básica foi, a sanção da Lei nº 10.639/03 pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que alterava a LDB (Lei nº 9.394/96) e anos mais tarde atualizada pela Lei nº 11.645/08, proporcionando a visibilidade de outras histórias vivenciadas no Brasil. Um pouco mais a frente entraremos em contato com o corpo de lei.

E porque a Lei 10.639/03 é importante? O nosso país, como já sabemos, possui uma grande diversidade oriunda do seu histórico como colônia e período de escravidão dos povos africanos. Com isso a desigualdade (social/racial) ainda marca as mais diversas camadas no nosso país. A lei foi criada visando à diminuição dessas lacunas, mostrando todos os lados

pertencentes na construção histórico-social brasileira para além de uma abordagem eurocêntrica.

Além da análise e reflexão da formação de Artistas e Arte-Educadores no, este trabalho tem por objetivos, pensar em ações que visem à inclusão da Lei 10.639/03 na formação dos discentes no departamento – CEN/UnB. Conhecer e analisar as possibilidades dentro do campo das Artes Cênicas que cruzem com a temática presente na Lei 10.639/03.

A construção metodológica deste trabalho partiu da abordagem qualitativa, buscando criar um diálogo de ideias e experiências sobre o processo de formação de Artistas e Arte-Educadores no CEN/UnB. Estamos falando de um lugar (CEN/UnB) e como o objeto de pesquisa, a formação, faz parte desse espaço, além dos atores sociais presentes nesse espaço. A execução deste trabalho se deu por pesquisas de cunho documental e bibliográfico, além de utilizar-se da aplicação de um questionário para a coleta de dados com um grupo de estudantes negros.

No primeiro capítulo, trago o pensamento decolonial de alguns pensadores latinos, levantando uma breve perspectiva conceitual. Além de citar a criação da Lei 10.639/03 e um resumo histórico das ações afirmativas no Brasil.

No segundo capítulo, apresento os questionamentos para análise, além de apresentar a metodologia escolhida, a pesquisa etnográfica, para execução deste trabalho. Sendo levantados dados técnicos da pesquisa, como a história e perfil do CEN/UnB e perfil dos participantes, entre outros. Nesta parte o objeto central é destrinchado conferindo uma análise preliminar de seu funcionamento.

Já no terceiro e último capítulo, trago para além da minha vivência, a de outros colegas negros do curso, egressos e/ou ainda em formação dos cursos de Artes Cênicas da UnB. Nesta parte dialogaremos juntos, sobre as atividades presentes no departamento e ações de médio e longo prazo. Sendo fomento para futuras mudanças dentro do processo de formação superior no CEN/UnB.

Desejo, portanto, uma boa leitura e análise sensível do que trago, para que juntos pensemos, em novas propostas possíveis na formação de Arte-educadores e Artistas na formação do departamento de Artes Cênicas (CEN) da Universidade de Brasília (UnB). Mesmo com as dificuldades, não podemos nos abater e resistir diariamente para assim alcançar uma educação que vise à igualdade e respeito à diversidade Étnico-Racial.

1 PENSAMENTO DECOLONIAL COMO MOTE PARA A EMANCIPAÇÃO

Este trabalho parte do entendimento que Pensamento Decolonial é um campo de estudo que tem por objetivo ampliar as cosmovisões acerca da produção de conhecimento e lugares de fala, dando protagonismo aos ditos sujeitos subalterno. Ele surge como um ponto de partida para novos intelectuais, indo contra a visão de uma cultura e epistemologia universal, fortemente incitada pelos resquícios da colonialidade³.

Quando estudamos a história do nosso país, nos deparamos com os processos de colonização europeia. Temos Portugal como nosso principal colonizador, ao qual nos é referido o título de sua colônia, outros países europeus também contribuíram nesse processo nas mais diversas regiões de nosso país tais quais Holanda e França.

O povo que habitava as Terras de Santa Cruz foi visto como inferior e selvagem desprovido de cultura e conhecimento. Colocado assim, num lugar de subalternidade e obrigado a prestar serviços. Os portugueses não obtiveram sucesso total com as tribos indígenas, sendo algumas dizimadas por resistirem ao trabalho escravo.

O longo século XVI, que consolidou a conquista da América e o apogeu dos impérios Espanhol e Português, significou não apenas a criação de uma economia mundial, mas a emergência do primeiro grande discurso do mundo moderno, que inventou e, ao mesmo tempo, subalternizou populações indígenas, povos africanos, muçulmanos e judeus (como argumenta o artigo de Grosfoguel nesse dossiê). Esse é o contexto nascente da modernidade sistematicamente negado nas descrições hegemônicas da modernidade feita a partir da própria Europa (como um *locus* de enunciação) e também assumido pelos autores pós-coloniais, que tomam o início da modernidade a partir do século XVIII. (BERNADINO-COSTA, 2016, p.18)

Durante esse processo de colonização europeia, diversas regiões no mundo foram "descobertas" e várias dessas culturas foram deslegitimadas. "No discurso colonial, o corpo colonizado foi visto como corpo destituído de vontade, subjetividade, pronto para servir e destituído de voz" (BERNADINO-COSTA, 2016, p.19).

No continente africano, por exemplo, trava-se uma batalha com o regime escravista e com isso, famílias são separadas e realocadas para diversas colônias. Sendo uma delas o nosso país. Como o Brasil era uma colônia grande e cheia de riquezas, era necessária muita mão de

³ Quijano (1997) cunhou o conceito de colonialidade como algo que transcende as particularidades do colonialismo histórico e que não desaparece com a independência ou descolonização. (ASSIS, 2014, p.614).

obra, portanto, esse foi um período assombroso de nossa história e quando pensamos nas relações de poder, vemos o quanto esse período histórico nos afeta até a atualidade.

Corpos destituídos de alma, em que o homem colonizado foi reduzido a mão de obra, enquanto a mulher colonizada tornou-se objeto de uma economia de prazer e do desejo. Mediante a razão colonial, o corpo do sujeito colonizado foi fixado em certas identidades. (BERNADINO-COSTA, 2016, p.19).

Em 1888 temos a promulgação da Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel, que, segundo historiadores, esta aconteceu por uma pressão política vinda da Inglaterra. Ainda sim, fora do olhar do inglês, o regime escravista permanecia. A partir desse momento, ser negro no país passa a ser um problema ainda maior. Como dito pelo Sociólogo Florestan Fernandes.

A preocupação pelo destino do escravo se mantivera em foco enquanto se ligou a ele o futuro da lavoura. Ela aparece nos vários projetos que visaram regular, legalmente, a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, desde 1823 até a assinatura da Lei Áurea. (...) Com a Abolição pura e simples, porém, a atenção dos senhores se volta especialmente para seus próprios interesses. (...) A posição do negro no sistema de trabalho e sua integração à ordem social deixam de ser matéria política. Era fatal que isso sucedesse. (FERNANDES, 2008, p.30)

Não vamos entrar em muitos detalhes da nossa malfadada história, mas a mesma nos traz uma compreensão da gênese de um processo colonizador. Com a colonização vemos que um movimento eurocêntrico é formado e o mesmo determinou o que poderia ser visto como relevante na produção de conhecimento intelectual e história mundial.

O pensamento decolonial questiona esses resquícios deixados pelo colonialismo e traz à tona a produção epistemológica dos ditos subalternos. Com essa corrente de pensamento temos diversos autores como, Franz Fanon, Aimé Cesáire, Catherine Walsh, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, entre outros, que contribuíram no campo das Ciências Sociais, trazendo novos lugares de fala levantando o paradigma colonialidade-modernidade. (PENNA. 2014.).

O termo decolonial deriva de uma perspectiva teórica que estes autores expressam, fazendo referência às possibilidades de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista e, na esteira dessa perspectiva, a tentativa de construção de um projeto teórico voltado para o repensamento crítico e transdisciplinar, caracterizando-se também como força política para se contrapor às tendências acadêmicas dominantes de perspectiva eurocêntrica de construção do conhecimento histórico e social. (OLIVEIRA p. 1 s.d.)

Para explicar um pouco melhor sobre a decolonialidade, trago as reflexões do semiótico argentino Walter Mignolo, baseada em algumas interpretações da Dra. em Artes

Elisa Belém. Mesmo não sendo um pensador negro, traz uma perspectiva Latino-Americana. Um dos aspectos levantados em sua pesquisa é o que ele chama de ferida colonial (MIGNOLO, 2005 apud BELÉM, 2015). Compreendidas como as marcas deixadas pelo colonialismo. Essa ferida nos mostra como as relações em sociedade passaram a ser concebidas, levantando o que podemos chamar de colonialidade do saber e do ser. Essas interferiram diretamente nas subjetividades dos países que passaram por esse processo. (BELÉM, 2015.)

Mignolo (2005 apud BELÉM, 2015) pontua que é necessário decolonizar o conhecimento e a subjetividade, ou seja, resgatar os saberes e a cultura dos povos colonizados e realoca-los dentro da perspectiva histórica e produção de conhecimento, contribuindo para sua manutenção, como o caso das tribos indígenas.

Assim, podemos observar, o quanto nosso país precisa afirmar suas subjetividades e incorporar, em ambientes de produção acadêmica e no cotidiano social, as mais variadas perspectivas de saberes. No Brasil, observa-se o quanto a história se faz presente. As feridas coloniais, ainda, são evidentes. Observamos, por exemplo, a grande desigualdade social e racial que determina diariamente as relações de poder e acesso a informação.

Para amenizar essas feridas, se faz necessário pensar em formas de decolonizar espaços como escolas, universidades, teatros, cinemas e até mesmo os de cunho religioso. Tudo isso, interfere, diretamente, no nosso comportamento e como nos vemos socialmente. Compreender a importância desses locais, no desenvolvimento do país. Repensar a educação de crianças, jovens e adultos. Incentivar o aumento de pesquisadores brasileiros, não deixando de lado a produção internacional, mas valorizando a nossa. Decolonizar é construir, assim como diz o Doutor em Educação Luiz Fernandes de Oliveira.

Decolonizar, significaria então, no campo da educação, uma práxis baseada numa insurgência educativa propositiva – portanto não somente denunciativa – por isso o termo “DE” e não “DES” – onde o termo insurgir representa a criação e a construção de novas condições sociais, políticas e culturais e de pensamento. Em outros termos, a construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saber, uma pedagogia concebida como política cultural, envolvendo não apenas os espaços educativos formais, mas também as organizações dos movimentos sociais. Decolonizar na educação é construir outras pedagogias além da hegemônica. Decolonizar é apenas denunciar as amarras coloniais e não constituir outras formas de pensar e produzir conhecimento. (OLIVEIRA, p. 3 s.d.)

Concluimos essa primeira parte com o entendimento que é preciso soltar as amarras ainda presentes do colonialismo. Compreender a importância das variadas perspectivas de

produção de conhecimento, assim, quem sabe poder nos descolar de visões retrógradas para não cometermos os mesmos erros no futuro.

1.1 Contextualizando a Lei 10.639/03 e as ações afirmativas.

No ano de 2003, a Lei nº 10.639/03⁴ foi sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tornando-se assim, obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, alterando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei nº 9.394/96). Anos mais tarde a Lei foi modificada pela Lei nº 11.645/08 que incluiu os povos indígenas.

A sanção desta Lei foi realizada diante a pressão do movimento negro, e como forma do governo da época de mostrar-se interessado nas pautas sociais, aceitando o racismo como um problema real na sociedade brasileira.

[...] analisamos a potencialidade da Lei 10.639/03 como decolonizadora dos currículos escolares brasileiros. No entanto, diante da configuração do capitalismo mundial e do Estado neoliberal, temos que considerar também as limitações da Lei enquanto emancipadora no bojo das políticas educacionais orientadas pelos organismos financeiros e multilaterais. Estas políticas são orientadas de forma compensatória, quando direcionadas para grupos étnico-raciais, a fim de amenizar os conflitos sociais e permitir a perpetuação do sistema mundial de poder (RIBEIRO, 2017, p.749).

Analisando o corpo da Lei, podemos perceber o quão simples são suas resoluções. Ela não traz a fundo como será aplicada de forma coerente e assertiva nas escolas. Mas pensando em pontos importantes para a real prática da Lei, esbarramos na qualificação dos professores, seja dos que já estão em sala de aula, como na reformulação dos cursos de licenciatura para uma formação satisfatória de novos docentes.

Com o objetivo de sanar algumas lacunas deixadas pela Lei, no ano seguinte, 2004, com o Parecer 03/2004 e a Resolução 01/2004, o MEC institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. O corpo do documento traz sugestões para a aplicabilidade da Lei, focando em Instituições de formação docente, além de metas e lista de ações.

⁴ ANEXO. .

Art. 1º A presente Resolução institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores. (CNE/CP-DF. 2004. Resolução nº01. pg. 01).

Alguns anos antes da promulgação desta Lei se fez necessário diversas ações por parte dos movimentos negros e sua luta no que tange os interesses de inclusão do povo negro como produtor de conhecimento e protagonista social.

Um exemplo dessas ações foi a Conferência Nacional Contra o Racismo e Intolerância, em 2001 na cidade do Rio de Janeiro, que promoveu debates a cerca das Relações Étnico-Raciais em nosso país. Tendo como resultando, um documento criado pelo Brasil, para entrar em pauta na III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, realizada na cidade sul-africana de Durban, no período de 30 de agosto a 7 de setembro de 2001. (BERNADINO-COSTA. 2009. p. 217.).

Na declaração e no programa de ação dessa terceira conferência– cuja relatoria-geral coube à brasileira Edna Roland, ativista do movimento de mulheres negras e uma das fundadoras da ONG negra Fala Preta –, os países signatários, entre eles o Brasil, se comprometeram a desenvolver políticas de combate às desigualdades raciais, entre as quais as políticas de ação afirmativa, bem como reconheceram a raça como uma categoria social explicativa das profundas desigualdades sociais existentes em muitas sociedades. (BERNADINO-COSTA, 2009. p. 217.)

Assim, em 2001 e 2003, temos as primeiras ações afirmativas na esfera da educação superior. Entre as universidades estaduais, a UERJ, e federais, a UNB, sendo implementado por elas, o sistema de cotas raciais, em seus processos de entrada para os cursos de graduação. Posteriormente, outras instituições de ensino superior, utilizam-se do sistema de cotas, além de órgãos do governo em concursos públicos.

Em 2012, foi sancionada a Lei nº 12.711/2012, conhecida como a lei de cotas que reserva 50% das vagas para estudantes da rede pública, ela não é exclusivamente de caráter racial, mas não o exclui. Outra lei de grande importância é a nº 12.990/2014, que reserva 20% das vagas para candidatos negros em concursos públicos.

[...] as legislações voltadas às questões étnico-raciais figuram no cenário educacional como importante meio de tornar o ambiente educacional mais democrático, por meio da compreensão e aceitação da diversidade existente na sociedade brasileira. A Lei nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003, altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394/96, inserindo os artigos 26-A, 79-A e 79-B, tornando obrigatório o ensino sobre História e Cultura Africana e Afro-brasileira. A Lei é uma conquista do movimento negro, que emerge como forma de negar a história oficial do negro no Brasil, a fim de possibilitar outra interpretação da sua trajetória. Assim,

o movimento negro se configura como “negatividade histórica” (GOMES, 2012, p. 136), ao mesmo tempo em que foi responsável pelas conquistas referentes ao maior ingresso da população negra na escola, pelas críticas aos currículos e materiais didáticos estereotipados, pela inclusão da questão racial na formação de professores, assim como pela obrigatoriedade do ensino de cultura e história africana e afro-brasileira, entre outras ações afirmativas. De modo que, o potencial da Lei é inserir nos currículos escolares uma diversidade de saberes capazes de assegurar o reconhecimento e a valorização da história e cultura da população negra, ao mesmo tempo em que se desconstrói o mito da democracia racial. Mas também faz parte da construção de uma sociedade outra, com conhecimentos outros e formas de ser e viver outras, uma sociedade baseada na diversidade e na interculturalidade como uma ferramenta, um processo e projeto construído a partir da população subalterna. (BERNADINO-COSTA, 2009. s.p)

Podemos observar um crescimento exponencial nas ações que visam ampliar o acesso da população negra nas mais diversas camadas. Mas ainda é preciso lidar diariamente com pessoas contrárias aos movimentos e ações afirmativas. Atualmente a situação política e econômica, no Brasil, passa por um período de transição de governo. Ações já consolidadas podem sofrer alterações, movidas por interesses de terceiros a frente do poder.

2 A FORMAÇÃO DE ARTISTAS E ARTE EDUCADORES NOS CURSOS DO DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS (CEN) DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

Neste segundo capítulo, apontaremos os questionamentos que serviram de base para análise e reflexão do tema deste trabalho. A pesquisa está disposta em alguns tópicos, trazendo dados considerados relevantes para compreendermos o espaço e os sujeitos desta pesquisa.

Partindo do objetivo deste trabalho que é fazer uma reflexão e análise de como a Lei nº 10.639/03 está presente na formação de Artistas e Arte Educadores no CEN/UnB, algumas questões começaram surgir tais quais: Como se dá aplicação da Lei no departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília? Podemos considerá-la expressiva dentro de seus currículos? Os professores do departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília se mostram abertos a mudanças nos currículos de seus cursos? Como essas mudanças podem acontecer? Como trabalharei em sala de aula, se não estudei sobre na universidade? Como trabalhar isso na realidade escolar? Quais as relações com a Arte-Educação? Existe algum programa de Formação continuada para egressos e até mesmo para professores da educação superior? Entre muitas outras que podem surgir. Responder todas essas questões parece uma missão, quase, impossível.

Em contra partida, temos muitos desafios presentes. Como a manutenção de uma educação superior pública e um ensino básico de qualidade. O sistema educacional no Brasil é deficitário e acredito que isso se dá, muito, em virtude da desvalorização da carreira docente, o esvaziamento no interior do país e a má gestão de recursos em todos os níveis educacionais.

Esse trabalho, de longe, conseguirá responder todas as perguntas, mas podemos considerá-lo como mais um chamariz possível de levantar encadeamentos dentro do departamento de Artes Cênicas.

2.1 O caminho metodológico

Para a construção desta pesquisa o método utilizado foi à abordagem qualitativa no campo da pesquisa educacional, buscando o diálogo com os sujeitos e traçar uma linha de pensamento entre a teoria e a experiência.

Partindo disso, temos como sujeitos, os alunos negros do departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília. A escolha em só trazer para diálogo com os alunos negros do departamento (e também egressos) se deu em primeiro, pelo tempo de pesquisa e magnitude para esse trabalho. Segundo, porque queria compreender a trajetória de outros colegas e perceber possíveis semelhanças, ou não, com a minha.

Outro ponto importante a se descartar dessa metodologia é como os sujeitos e/ou objetos de pesquisa pertencem ao local de pesquisa e a partir do mesmo constroem uma determinada realidade social. Sendo assim, como os alunos negros pertencem a esse espaço?

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram questionário estruturado, informações no portal virtual do departamento, consultas ao Projeto Político Pedagógico do curso de Licenciatura modalidade à distância e dados dos currículos/fluxos/ementas presentes no portal virtual Matrícula Web. Além de documentos sobre a história da universidade.

Essa pesquisa me permitiu participar dos dois lados, seja como pesquisadora e como sujeito pertencente a esse espaço. Resultando, também, autorreflexão diante do meu processo de formação. Esse trabalho não é apenas a descrição de fatos e falas, mas também a interpretação e imersão de uma pesquisadora diante de outras percepções de mundo.

2.2 O Local – Departamento de Artes Cênicas – CEN

Como já dito, essa pesquisa tem como local de base o Departamento de Artes Cênicas (CEN), na Universidade de Brasília (UnB). Trago então a breve história da criação desse espaço e de seus cursos de graduação em Artes Cênicas/Teatro.

Em 1962, temos a veiculação do Plano Orientador⁵ da Universidade de Brasília. No Plano de Darcy Ribeiro, seria construído o Instituto Central de Artes (ICA). Esse que seria um contraponto aos moldes de ensino das Artes presentes na época. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962).

No texto do plano ele diz que a função do ICA é garantir a comunidade acadêmica e comunidade externa, a oportunidade de experiência e de apreciação artística. Assim, a Universidade seria um local que despertaria o interesse dos estudantes pelas Artes, seja possibilitando a formação artística como a formação de fruidores das Artes. (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1962)

⁵ Documento criado na concepção da Universidade de Brasília, organizado pelo então Reitor Darcy Ribeiro em 1962.

Com o Regime Militar em 1964, os planos de Darcy Ribeiro para a universidade foram estagnados. A execução do ICA foi deixada de lado, “mas as diversas linguagens artísticas nunca deixaram de manter sua existência no Campus”. (DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS, s.d.). A UnB tem uma extensa história marcada pela resistência e manutenção desse espaço. A criação do CEN foi em 1989, junto com os de Artes Visuais e Música, formando assim o Instituto de Artes (IdA). (DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS, s.d.).

O CEN começou com a oferta de dois cursos, o Bacharelado em Interpretação Teatral e a Licenciatura em Educação Artística – Artes Cênicas. No ano de 1994, começa o curso de Licenciatura em Artes Cênicas no período noturno. Em 2007, é criado o curso de Licenciatura em Teatro, modalidade à distância, vinculada ao Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB. (DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS, s.d.).

Outras informações pertinentes sobre CEN são, localiza-se no Campus Darcy Ribeiro – Asa Norte, no prédio conhecido como Oficinas Especiais. Conta com quatro salas para aulas práticas, uma para aulas de encenação e uma para aulas teóricas, além das salas administrativas e o Teatro Helena Barcelos (atualmente desativado para o público externo). Conta com o efetivo de vinte e nove professores e nove funcionários no corpo técnico administrativo. (DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS, s.d.).

2.3 Os cursos

Atualmente o CEN conta com quatro cursos/habilitações de graduação, dois no turno diurno, um no noturno e um a distância. Sendo eles, Bacharelado em Interpretação Teatral, Licenciaturas em Artes Cênicas e Licenciatura em Teatro. No portal online do CEN (s.d.), podemos encontrar informações gerais sobre cada e escolhi algumas delas para permear nossa discussão.

Bacharelado – [...] Além do investimento no diálogo constante com outras artes e áreas do conhecimento humano, o curso privilegia o entendimento da arte como infinito de opções poéticas individuais e coletivas de cidadãos e cidadãs.

Licenciaturas presenciais – [...] Ao ressaltar a relevância em basear o processo de formação dos professores no eixo epistemológico da cultura e das tecnologias contemporâneas, esperamos contribuir para a concretização de uma reconfiguração do cenário educacional, no qual as Artes Cênicas poderá desempenhar um papel primordial na articulação de projetos interdisciplinares fundamentados em propostas curriculares atuais.

Licenciatura EaD – [...] curso de Licenciatura em Teatro tem por princípio a formação ampla e aprofundada de professores de arte-educação incluindo os

aspectos políticos e éticos pertinentes à profissão de professor no Brasil.
(DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS, s.d.)

Podemos observar que além da formação em Artes Cênicas, os cursos se dizem preocupados em formar profissionais capazes de dialogarem com as realidades existentes. Que carregaram em suas bagagens conhecimento que permita protagonismo dentro da sociedade. Mas será que apreendemos tudo que é necessário?

A Academia é um ambiente mais formal, muitos cursos foram criados numa perspectiva conservadora, com muitos especialistas ditando o que seria relevante dentro da produção acadêmica. A criação da UnB partiu de uma visão mais utópica, buscando integração das mais diversas áreas durante a formação, objetivando a autonomia de seus estudantes e ampla formação.

Dentro da universidade as relações humanas devem ser levadas em consideração. Voltando para o CEN, os cursos devem trazer em seus alicerces uma educação politizada. Estamos falando de um ambiente de formação de Artistas e Professores.

A estrutura de um curso superior não dá conta de abarcar tudo – por isso existe a autonomia de quem estuda para a pesquisa. Entrando nesse ponto percebemos o quanto a educação superior e gratuita é vista de forma “torta” pelos detentores de poder. Nesse novo governo eleito, na eleição presidencial de 2018, a educação superior corre perigo, cursos que visão uma formação mais humanizada são colocados como “comunistas”.

Voltando para a formação em Artes Cênicas na UnB, se um curso visa uma formação ampla e aprofundada, mesmo com as diversas dificuldades, deve começar a incluir de forma sistemática conteúdos considerados pertinentes para o entendimento mais amplo de nossa sociedade na formação de seus discentes.

Pretende-se formar profissionais que conheçam seu campo de trabalho e as implicações dentro do meio em que vivem.

2.3.1 Os currículos

Nessa parte, não entrarei no mérito de avaliar cada disciplina e suas ementas. Seria necessário maior tempo hábil e caberia para outra pesquisa. No atual momento os cursos presenciais estão passando por reformulações curriculares, visando maior adequação a normas do Ministério da Educação.

Desde que entrei no curso, em 2014, escuto que o currículo passará por uma reforma, no caso da Licenciatura em Artes Cênicas, mas esse é um processo lento e requer diálogo entre os docentes. Na segunda parte de 2016 vi movimentos mais concretos de professores afirmando que a mudança nos currículos está próxima.

Mudar um currículo de formação superior, requer muita paciência, seja pela concessão entre os docentes ou por toda a burocracia institucional. Além dos órgãos reguladores.

De um modo geral, é evidente, que as disciplinas do departamento, em sua maioria, estão ligadas a reaplicação de cânones. A história do teatro como todo, ainda é fortemente contada, pelo ponto de vista europeu. Quando visitamos bibliografias ditas oficiais no campo das Artes Cênicas, poucas contemplam Estéticas Negras, sejam as do continente africano ou brasileiras.

A maioria dos professores efetivos do departamento não possuem pesquisas com as estéticas negras em foco, tornando dificultoso o processo de entrada mais aprofundada nas cadeiras das disciplinas do curso, como interpretação, voz e corpo. Mesmo que um professor adicione a temática ao seu programa, esbarramos com outro fator limitante, a carga horária das disciplinas. É preciso lidar com tempo limitado, por semana e grandes cargas de conteúdo que necessitam ser trabalhadas. Quando analisamos as disciplinas teóricas, por exemplo, determinar qual conteúdo é mais relevante na formação se torna uma tarefa excludente e um docente não focará em algo que não seja de seu entendimento.

Como reverter essa situação? Seria necessária a criação de disciplinas específicas. No departamento já temos um exemplo, a disciplina de Corporeidades Brasileiras⁶, mas como toda disciplina possui algumas limitações. Apenas um professor ministra Dr. Jonas Sales⁷, já que ela é ligada, diretamente, a sua pesquisa. Então, quando o docente precisar se ausentar ou tiver outras demandas, ela não será ofertada em todos os semestres letivos. Outro ponto é o fato de ser optativa. A criação de disciplinas optativas não é um problema, já que ela vai ser cursada, em teoria por quem tem interesse no conteúdo, mas em contra partida, se perde no alcance de alunos. Já que todos os discentes dos cursos não passaram por ela.

⁶ Ementa: Linguagem e técnica; Elaboração de estéticas para a cena a partir das expressões corpóreas das tradições afro-brasileiras. Apreciação, vivência e contextualização do corpo inserido na cultura popular.

⁷ Dr. Jonas Sales do Departamento de Artes Cênicas/IdA/UnB. Ator, Diretor e Coreógrafo. Doutorado em Artes (PPGArte/UNB) com estágio doutoral na Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa (bolsa CAPES), possui mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2004) e especialização em Dança (UFRN-2001). Tem experiência na área de Teatro, Dança, Arte-Educação e Tradições populares. Desenvolve pesquisas no campo do corpo e negritude, expressões populares e pedagogias da cena. Disponível em: <http://www.afroepistemologias.art.br/index.php/o-semina-rio-2/grupo-de-pesquisas>. Acesso: 01 Nov. de 2018.

No caso da disciplina, Corporeidades Brasileiras, muitos alunos de outros curso que não o departamento em questão a procuram. Percebe-se, infelizmente, a grande procura de fora, pela necessidade aumentar o número de créditos ao seu histórico no fim do curso. Mas porque os alunos do departamento não a procuram? Se existirem outras disciplinas específicas, mas apenas optativas, haverá demanda dos alunos do departamento? São perguntas difíceis de serem respondidas, mas o departamento tem que pensar em ações para promovê-las.

Outro fator já citado é a falta de professores que pesquisem temas ligados à questão negra no teatro e arte-educação. A contratação de um professor é onerosa à universidade e não podemos contar com a sorte que irá aparecer um professor voluntário para ministrar aulas.

Muitos são os empecilhos, mas temos que insistir com o departamento para reverter esse quadro. Criar mais algumas disciplinas optativas seria o começo para, no futuro, incorpora-las no currículo obrigatório.

2.4 Para além da sala de aula.

A UnB é uma instituição ampla, dinâmica e multidimensional que envolve muito mais do que aulas e provas. Sustentando-se sobre o princípio da articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, a Universidade oferece uma gama de oportunidades educativas, científicas, sociais, culturais e políticas que buscam promover a formação integral e cidadã dos estudantes (Universidade de Brasília. Guia do Calouro 1º/2018, p. 18).

Partindo da citação acima, observa-se que a formação proposta na Universidade, vai muito além da sala de aula. Os alunos possuem autonomia para participar de projetos de extensão e realizar pesquisas. Existem diversos programas dentro da Universidade⁸.

De acordo com as informações presentes no portal do CEN, ele conta com 16 projetos de extensão. Adiciono mais um, que não está listado no portal, Cena Sankofa, coordenado pelo Prof. Dr. Jonas Sales.

Este é um projeto de extensão e pesquisa que tem como objetivos discutir, vivenciar, pesquisar e propor ações que acentuem as práticas estéticas/artísticas das tradições populares e suas contribuições para os processos de elaboração de saberes em artes cênicas na atualidade. Dentre ações possíveis, deseja-se a formação de artistas cênicos, diálogos com educadores, simpósios e montagem de espetáculos. Tem ênfase nas expressividades que trazem matrizes africanas e suas corporeidades

⁸ Vale ressaltar, infelizmente, a Universidade está passando por dificuldades financeiras e muitos programas estão tendo verba reduzida ou até mesmo cortada. Esse problema é comum ao sistema de ensino do país. Um dos fatores que explica isso é a aprovação da PEC 241(55), conhecido como a PEC do Teto dos Gastos Públicos.

dialogando assim com pesquisas do seu coordenador. (Disponível em: <http://www.afroepistemologias.art.br/index.php/o-seminario-2/grupo-de-pesquisas>. Acesso: 01 Nov. de 2018)

Este projeto é justamente o que possui uma direta relação com este trabalho. O professor em questão já foi citado anteriormente, além de orientar-me neste trabalho. Vale destacar seu trabalho engajado em trazer essas questões ao departamento. Outra ação que contempla a negritude e a cena, também coordenada pelo professor Jonas Sales é o “Seminário Corpo, Cena e Afroepistemologias”⁹ em parceria com a Dra. Larissa Ferreira¹⁰ do Instituto Federal de Brasília, que já teve duas edições. O projeto conta com apoio do Departamento de Artes Cênicas e sua segunda edição foi sediada, em setembro/2018 na UnB.

Percebo que nessas ações, o projeto Cena Sankofa, possuiu pouca adesão por parte dos alunos negros do departamento. Atualmente conta com quatro alunos. Ele é relativamente novo, mas tem buscado criar um diálogo com os alunos negros não só do departamento, mas com toda a comunidade acadêmica e externa.

O projeto Cena Sankofa poderia ser muito mais bem aproveitado pelos alunos negros dentro do departamento, visto que é um espaço de acolhimento e troca de saberes. No entanto, ainda é baixa a adesão de alunos. Perguntando a colegas negros, alguns dizem que pelo horário fica difícil, principalmente quando acaba chocando com o de alguma disciplina obrigatória. Aos poucos o projeto tomará sua forma e espero que muitos discentes passem por ele.

Este projeto, além de complementar na formação, pode fomentar novas pesquisas entre os discentes, contribuindo, quem sabe, para a criação de novos projetos de extensão/núcleos de pesquisa e atividades similares. O que cabe agora é a manutenção, por

⁹ O **Seminário Corpo, Cena e Afroepistemologias** tem como propósito promover reflexões sobre identidade cultural, decolonialidade e questões raciais no campo das artes da cena, sobretudo no que tange às pesquisas acadêmicas em dança, teatro e performance. Interessa situar e discutir as afroepistemologias enquanto produção de pensamento e prática cultural crítica, que expande os limites estéticos e cruzam as complexas tessituras das relações sociais e simbólicas. Considerando o contexto sociocultural da herança africana e das matrizes negras na cultura brasileira, certos racismos epistêmicos foram construídos com vias a desvalorizar as especificidades das corporalidades negras e afroreferenciadas. Nesse sentido, o Seminário pretende colocar em prática os deslocamentos das hegemônicas teorias sobre corpo e cena nas artes. Portanto, apresenta-se como um evento que pretende fomentar e compor a produção de epistemologias com marcos afrocentrados. Um convite à reflexão sobre o corpo e as artes da cena desde o protagonismo das vozes que foram silenciadas. Disponível em: <http://www.afroepistemologias.art.br/index.php/o-seminario-2/grupo-de-pesquisas>. Acesso: 01 Nov. de 2018

¹⁰ Dra. Larissa Ferreira, docente na Licenciatura em Dança –IFB. Artista da cena, coreógrafa, Doutora e Mestre em Artes - Universidade de Brasília. Licenciada em Dança - Universidade Federal da Bahia. Coordenadora de Cultura, Sustentabilidade, Gênero, Raça e Estudos Afro Brasileiros (Diretoria de Pós- Graduação, Pesquisa, Inovação e Extensão - Instituto Federal de Brasília|CBRA). Disponível em: <http://www.afroepistemologias.art.br/index.php/o-seminario-2/grupo-de-pesquisas>. Acesso: 01 Nov. de 2018

parte dos discentes dessas ações, além de cobrança pela entrada de novos docentes, negros e negras, que pesquisem questões Étnico-Raciais no campo das Artes Cênicas.

3 NÓS, NEGROS - ARTISTAS E ARTE EDUCADORES.

Neste terceiro capítulo será apresentado o perfil dos sujeitos participantes desta pesquisa, discentes e/ou egressos negros do departamento de Artes Cênicas. Com isso partilharei o pensamento dos estudantes diante de algumas questões a eles lançadas. Nesta parte dialogaremos juntos, sobre as atividades presentes no departamento e ações. Sendo fomento para futuras mudanças dentro do processo de formação superior no Departamento de Artes Cênicas - CEN/UnB.

Antes de adentrar aos questionamentos desta pesquisa, compartilharei um pouco mais sobre minha trajetória pessoal. Durante o curso de Artes Cênicas amadureci e me aprofundei em questões pessoais e profissionais. Complemento à importância desse momento com a fala da psicanalista Neusa Santos Sousa (1983, p.17). “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade.”.

Tenho vinte e quatro anos, iniciando a vida adulta, mas já passei por diversas situações delicadas durante minha vida. Muitas diretamente ligadas à cor da minha pele a busca da minha negritude.

Nasci no Gama, cidade satélite do Distrito Federal, mas fui criada em Valparaíso de Goiás, cidade que faz parte do Entorno do DF. Minha família na época era de classe baixa, mas ainda sim, cursei minha alfabetização e a primeira série em um colégio particular da cidade.

Com a separação dos meus pais, mudei para a escola pública da região no qual lembro que a maioria dos alunos era negra, muitos “coleccionavam” repetições na mesma série. Mesmo tendo professores negros, não me recordo em nenhum momento de atividades que contemplassem questões raciais na escola. No meio desse tempo, eu não sabia, mas a lei nº 10.639/03 entrava em vigor.

Aos doze anos, fui estudar na Asa Sul, Bairro do Plano Piloto, onde cursei da sexta série ao Ensino Médio pela rede pública. A diferença do ensino com a região do entorno era gritante, como a infraestrutura das escolas e a qualidade do ensino, tive a oportunidade de estudar em um Centro de Línguas e frequentar a Escola Parque. Na escola parque eu tinha aulas de Teatro, Artes Plásticas e Educação Física, uma vez por semana. Foi lá que o interesse por Teatro se iniciou, tinha aulas, por coincidência, com uma professora negra, sentia uma grande identificação com ela.

A realidade das escolas no Plano Piloto era outra. Até que se viam muitos alunos moradores de outras cidades satélites, mas a maioria não era negra. Foi nesse período, que comecei a perceber e vivenciar o racismo mais fortemente e, junto a isso, minha mãe e eu nos mudamos para a cidade satélite de Ceilândia.

Refletindo sobre os momentos de preconceito que vivi, vejo que a maioria foi dentro da escola. Nessa época já tínhamos a lei nº 10.639/03 em vigor, mas só em novembro tínhamos ações na escola e mesmo assim, pessoas brancas, estavam sempre à frente e a temática do racismo ou era ignorada ou tratada com pouca profundidade na escola. Muitas vezes era colocada na “caixinha” do bullying e se distanciava de todo o debate a cerca de desigualdade em nosso país.

Bem, este não é um trabalho autobiográfico. Só levantei trechos da minha vida, pois isso está inerente a mim e diz muito sobre a escolha deste tema e as razões para essa pesquisa. Tudo isso só foi tomando uma forma mais consistente durante minha graduação.

Minha história no curso de Artes Cênicas, já começa um ano (2013) antes de ingressar no curso. Até então era bolsista em uma faculdade privada e estava no terceiro semestre de Contabilidade. Motivada pela minha mãe fui fazer o teste de habilidade específica.

No primeiro dia desta prova, aconteceu algo impensado por mim durante o último exercício de improviso, realizado coletivamente. A proposta era simples, uma pessoa deveria convencer a outra a sair de um assento. Fui à penúltima, quando a última candidata foi entrar em cena, começou a desferir palavras e expressões racistas, que prefiro não citar neste trabalho. Nunca tinha ouvido algo do tipo de forma tão direta, foram palavras fortes que me abalaram profundamente. Continuei a cena, lembro-me dos professores paralisados.

A turma foi dispensada e pediram para não sermos dispensados. Pouco tempo depois uma professora fez um pronunciamento em nome dos docentes. Disse que o departamento de Artes Cênicas não admitia nenhum tipo de discriminação e que mesmo sendo um exercício de improviso outros caminhos poderiam ser tomados.

Uma das professoras da banca avaliadora, Dra. Luciana Hartmann, se aproximou e falou comigo: - Nunca mais deixe alguém falar assim com você. Não compreendi de imediato a intenção da fala, foi tudo tão rápido. Questionei-me diariamente se a universidade era espaço que deveria adentrar. Depois percebi que deveria andar com a cabeça erguida e resistir, por mais duro que fosse não podia me abalar, mas lutar, e ocupar os espaços que também me pertencem.

Durante meu ingresso no curso essa situação sempre passou pela minha cabeça, busquei trazer minha negritude sempre como base em projetos dentro e fora da universidade.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua histórica e recriar-se em suas potencialidades. (SOUSA, 1983, p.17-18).

No quarto semestre isso ganhou mais forma (mesmo com uma visão muito romântica) cursei a disciplina de Teatralidades Brasileiras com a professora Dra. Luciana Hartmann e foi muito significativo pra mim. Nessa disciplina passamos pelo teatro negro e em uma das aulas sobre a professora convidou Cristiane Sobral¹¹.

Fiquei surpreendida com sua história e passei a tê-la como inspiração pessoal e profissional. A partir daí comecei a buscar de forma mais direta contato com disciplinas que contemplassem questões raciais, tive que procurar fora do departamento. O que por um lado é muito bom, dentro de uma formação que estimula a autonomia, conheci excelentes professoras como, a Dra. Edileusa Penha de Souza e a Dra. Marly Silveira.

Ainda sim sentia falta de um diálogo com outras pessoas sobre essas questões dentro do campo das Artes Cênicas.

Somando a tudo isso, conheci o professor Dr. Jonas Sales que me orientou em uma Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) e como resultado, produzi um artigo sobre os artistas da cena negra do Distrito Federal, além da construção de um site que servirá como uma base de dados e divulgação de trabalhos para os artistas negros da região. Fiz meu projeto de Direção com uma peça, Canção da Saga, de autoria do Cuti¹² (tive a honra de conhecê-lo pessoalmente). Enfim, comecei a trazer a negritude como base mais firme ao meu trabalho.

Por fim, sempre tive a curiosidade em saber o que outros alunos negros do departamento pensam, sobre a ausência de disciplinas e ações por parte do departamento que contemplassem as questões Étnico-Raciais e da história e culturas afro-brasileiras e africanas no campo das Artes Cênicas.

Na continuidade deste trabalho trago parte das trajetórias de colegas do curso, que foram evidenciadas a partir de algumas questões, caminhando assim para um diálogo e

¹¹ Cristiane Sobral, carioca nascida em Coqueiros, zona oeste do Rio de Janeiro, é atriz, escritora e arte educadora. Mestra em Artes pela Universidade de Brasília (2016) e primeira estudante negra a se formar no curso de Bacharelado em Interpretação pela Universidade de Brasília. Escritora imortal ocupante da cadeira 34 na Academia de Letras do Brasil.

¹² Cuti é pseudônimo de Luiz Silva. Escritor e doutor em literatura brasileira foi um dos fundadores e membro do Quilombhoje (de 1983 a 1994) e um dos criadores da série Cadernos Negros (de 1978 a 1993), na qual publica seus textos há 38 anos. Com 20 livros autorais, sua obra abarca os gêneros, conto, poesia, ensaio e teatro.

reflexão dos seus processos de formação enquanto Artistas e Arte-Educadores, além de pensar em ações para o futuro dentro do departamento de Arte Cênicas na Universidade de Brasília.

3.1. Os sujeitos desta pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com estudantes negros do Departamento de Artes Cênicas. A escolha por apenas trabalhar com este grupo de alunos se deu como forma de consolidar locais de fala, ou seja, trazer a opinião daqueles que diretamente pertencem aos questionamentos presentes neste trabalho.

Mas vale ressaltar que o público-alvo desse estudo é todo o docente e discente do departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília. Já que este trabalho traz como problemática uma situação pertinente ao departamento e formação de todos que pertencem a este espaço.

Para a coleta de dados foi realizado um questionário estruturado, aplicado via plataforma online. Ao todo dez alunos foram procurados, visando maior variedade de opiniões e em diferentes fases do curso e ex-alunos. Desse total, seis estudantes responderam o questionário.

O nome dos estudantes não será identificado nessa pesquisa. Como forma de organização para a próxima etapa deste trabalho, os discentes serão identificados pelas letras, A;B;C;D;E;F. Abaixo podemos ver algumas informações gerais sobre cada um.

TABELA 1 – Informações gerais sobre os participantes.

| Discente | Idade/Gênero | Semestre/ de entrada | Ano de | Habilitação | Ano de | Conclusão |
|-----------------|---------------------|---------------------------------|-------------------|--------------------|-------------------|------------------|
| A | 21 – F | 3° / 2017 | | Licenciatura | | ----- |
| B | 30 – F | 4° / 2016 | | Licenciatura | | ----- |
| C | 21 – F | 8° / 2015 | | Licenciatura | | ----- |
| D | 22 – M | 8° / 2015 | | Licenciatura | | ----- |
| E | 22 – M | 2014 | | Bacharelado | 2017 | |
| F | 24 – F | 2013 | | Licenciatura | 2018 | |

FONTE: Questionários da pesquisa.

Vale ressaltar que alunos em início de curso, cursando o primeiro e segundo semestre no ano de 2018, foram procurados, mas até a conclusão deste trabalho não houve retorno. No

próximo tópico serão apresentadas as questões e o diálogo com as respostas dos participantes desta pesquisa.

3.2. Questões em aberto...

Nesta etapa serão apresentadas as respostas dos colegas negros do curso. Será evitado fazer qualquer juízo de valor diante de suas falas. O objetivo é dialogar e perceber o que cada um lança diante dessas questões.

Os tópicos seguintes serão introduzidos pelas perguntas que foram aplicadas e junto, será feita uma breve introdução sobre o objetivo de cada questão e análises em que poderemos acessar as respostas de cada aluno.

Esta pesquisa não tem como foco, apenas “apontar o dedo” e dizer o que é certo ou errado. Ela serve como reflexão de estudantes negros sobre seu processo de formação e se durante essa fase ele se viu contemplado em disciplinas e inserido no espaço do departamento.

Se fosse possível, entrevistaria todos os alunos negros do departamento, visando partilhar memórias e registrar nossa história no departamento. Fica evidenciado para mim que com esse trabalho nasceu à vontade de criar um livro de memórias sobre os negros/as, que passaram por esse espaço, a fim de motivar e dá ainda mais força aos que um dia nele adentrarão.

I. Enquanto estudante negro (a), como você se percebe no departamento?

O objetivo dessa pergunta era de compreender como os alunos negros se percebem dentro do espaço do departamento, explorando a singularidade/identidade de cada um.

Quando entramos no ambiente universitário, nos é conferido um novo *status* social. Este a principio nos ajudaria a ampliar nossas visões de si e do mundo. Algumas vezes nos limitam, mas ainda sim, fazemos parte de um espaço de descoberta. Construir um discurso sobre si é instrumento para ir de contra ao pensamento do colonizador. “Dentro da universidade, diante dos paradoxos enfrentados, ainda sinto as garras de um colonizador, mesmo inconsciente, tentando arrancar a minha pele preta e colocar à força uma máscara branca em meu rosto”. (SOBRAL, 2016, p.89)

Pensando enquanto estudante negra. Adentrar esse espaço me confere todo o peso de uma luta, anterior a minha existência, e a partir dela, o dever de preservar e ampliar a ocupação de pessoas negras na produção de conhecimento acadêmico.

Nas falas dos participantes é possível identificar uma percepção de si, ligada ao movimento de resistência. A resistência aqui referida é a luta, o movimento contrário às relações de opressão e racismo, o lugar na sociedade e a conquista por respeito e equidade.

Assim podemos dizer que a resistência faz parte da busca pela Negritude. Não me alongarei no conceito e história por trás da palavra negritude, mas podemos deixar aqui definido como forma de compreensão geral a explicação do Professor Jonas Sales que sintetiza meu entendimento.

Embora o termo negritude desperte divergências ao longo de sua existência, observa-se que é uma palavra, em nossa realidade brasileira, que nos serve para reavivar e compartilhar a africanidade que chegou a nosso país. É importante dizer que o movimento, em sua gênese, não conseguiu romper com problemas sociopolíticos que tanto impulsionaram seus genitores, porém deixou um legado de pontos positivos, tais como a revalorização da cultura africana, a autoafirmação da figura do negro como algo positivo e a abertura para se ouvir as vozes silenciadas da história negra. (SALES, 2015, p.118)

Percebe-se então, que esses estudantes estão buscando ir de contra a uma formação colonizadora, resignificando suas identidades e alçando suas Negritudes. Observa-se uma variável nas respostas, enquanto alguns sentem-se acolhidos, alguns trazem em seus discursos a necessidade de enfrentar constantemente o racismo institucional. Observa-se nas falas seguintes:

DISCENTE A – Quando entrei na UnB, não tinha muita noção sobre. Entrei no curso de Comunicação e lá passei a me perceber enquanto estudante negra. Estava em um lugar com muitos alunos brancos e ricos. Então, começou lá essa percepção de ser uma estudante negra, dentro de uma universidade pública. Quando mudei para Cênicas, me senti muito mais acolhida, percebi mais alunos negros nesse espaço. Hoje me percebo como resistência e vejo que não estou tão sozinha nesse departamento como no outro.

DISCENTE B – Enquanto estudante negra me sinto as margens, ainda, eu acho que a gente precisa escalonar muito o espaço. Para entendermos de forma estética, que também pertencemos a esse espaço, que o ocupamos. E resistir. Não resisti de uma forma poética. Resisti de uma forma política, brigar para tá incluso em algum projeto. A gente tem que lutar dez vezes mais para ser notado, participar de algo. Esteticamente falando não é um departamento que olha para o corpo negro e ainda mais se esse corpo gordo além de toda sua singularidade.

DISCENTE C – Atualmente me percebo como resistência.

DISCENTE D – Desde meu ingresso no curso de Artes Cênicas percebo um racismo institucional que ignora as vivências do meu corpo preto e apaga o conhecimento de meus ancestrais. Além disso, percebo racismos cotidianos por parte de alguns professores e alunos.

DISCENTE E – Como um resistente. A gente precisa resistir dentro de uma universidade e de um curso onde a maioria dos estudantes é branca e classe média e alta. Somos poucos, por isso temos que fazer 3x mais que qualquer um deles que estão ali. Os papéis em peças ou no mercado de trabalho, é muito mais fácil pra eles, não precisam desses esforços. Eu sim!

DISCENTE F- Eu me reconheci como negra dentro do departamento. Na verdade, foi o lugar que sempre me senti mais acolhida, dentro da minha negritude, do meu reconhecimento e da minha identidade. Eu pude conhecer mais sobre a cultura, a história, e conviver com pessoas que como eu identificavam-se como negras independentemente de alguns traços/ estereótipos que não seria de uma pessoa negra, como a cor da pele, ou cabelo, ou o tamanho do nariz a grossura dos lábios. Foi mais fácil pra mim me reconhecer, me identificar e vivenciar várias experiências relativas à raça/etnia, pois sempre te senti acolhida dentro do departamento.

II. Como você percebe a relação dos alunos negros dentro do departamento? Conhece alguma atividade de integração?

A primeira pergunta estava ligada a uma percepção de si. Já esta, na forma que enxergamos a relação com aqueles que se assemelham a nós. Partilhamos um espaço que ainda nos é negado, com isso é necessário mobilizar forças e compreender a dimensão que é fazer parte deste meio.

Quando resgatamos a história de artistas da cena negros/as no Brasil é impossível não citar o Teatro Experimental do Negro – TEN, criado em 1944, tinha como um de seus fundadores Abdias do Nascimento. “Um dos objetivos declarados do TEN era de recuperar e dar visibilidade ao legado africano no Brasil” (SANTOS, 2014, p. 133). Também desejou formar artistas, técnicos da área, além de buscar a representação do negro na dramaturgia teatral. O teatro negro sempre teve um caráter de movimento que buscava por seu espaço e promovia ações de luta, como diz o Historiador Joel Rufino dos Santos:

Na verdade, não houve no Brasil, até aqui, teatro feito por negro sem um movimento negro por detrás – o que por si só demonstraria o racismo na sociedade brasileira. Para representar a si próprio e aos outros ele precisa, antes, denunciar a sua ausência na dramaturgia brasileira e só depois, subir ao palco. (SANTOS, 2014, p. 140)

Trazendo essa questão para o departamento, percebe-se que mesmo com mais de dez anos das cotas raciais e com aumento de estudantes negros, ainda se faz necessária a denunciar de nossa ausência no campo teatral, na literatura “oficial”, das linhas de pesquisa, entre outros.

Nem todos os estudantes querem estar à frente de ações/movimentos de luta, mas é importante compreender que nos enxergar como um coletivo nos fortalece nesse espaço. A integração dos alunos visa à troca de conhecimentos e a partilha de experiências, frustrações, como enfrentar o racismo dentro e fora do espaço universitário e na carreira artística/docente.

A integração dos estudantes negros é fundamental para partilhar nossa produção artística e científica desmistificar o lugar do negro em cena e criar pontes para que nossas demandas sejam postas em atividades do departamento, promovidas, tanto pelo CACEN, quanto por docentes e a chefia.

Quando pensamos assim, criando um novo lugar, um senso de coletividade. Podemos dizer então que nos tornamos um quilombo. Como os de Angola e do nosso país, que lutavam contra uma conjuntura de opressão (NASCIMENTO, 2011).

O quilombo é ao mesmo tempo uma instituição de resistência, mas também o indivíduo que “não reconhece que é propriedade do outro”. Somos também quilombos na medida em que criamos dinâmicas e espaços de resistência ao que nos oprime enquanto descendentes das terras do continente negro. (NASCIMENTO, 2011, p.138).

Analisando as respostas dos participantes, percebe-se que mesmo com as limitações, alguns participam de momentos de integração com outros estudantes negros do departamento. Buscam pelo senso do coletivo e troca de afeto e acolhimento com os outros estudantes negros do departamento.

DISCENTE A – Nesse tempo que eu estou no departamento, percebi que existem alguns alunos negros que querem mover a integração com outros alunos negros, mas acho que eu só vi no meu segundo semestre, foi uma reunião dos alunos negros do IDA, infelizmente não pude comparecer. Essa foi à única ação de integração para calouros, direcionadas para alunos negros. Depois disso algumas movimentações, mas foram poucas. A gente se move, mas não nos movemos muito em grupo.

DISCENTE B- Eu particularmente procuro esses alunos, para estar mais próxima. Me sinto mais confortável, quando eu vejo um aluno negro, então é mais fácil a comunicação. E tem um projeto no departamento, que faço parte, o Cena Sankofa, coordenado pelo Professor

Jonas Sales. Ele faz com que esse grupo de alunos, essa minoria, consiga se conectar e trabalhar junto.

DISCENTE C- Não conheço nenhuma atividade. Mas apesar disso o ambiente da universidade abre portas para esse movimento de integração entre alunos negros

DISCENTE D- Acredito que o aquilombamento entre alunos negros do departamento é fundamental para a manutenção de nossa saúde mental e para a preservação de nossa manutenção no curso.

DISCENTE E- É uma relação de cumplicidade, como disse somos poucos, por isso quando nos encontramos, temos um momento de acolhimento e cumplicidade. Porém não há dentro do curso uma atividade específica para essa união. Parte mais dos alunos mesmo.

DISCENTE F- Acho que temos um ambiente de bastante acolhimento e militância. Lá foi um ambiente que sempre me senti acolhida. Existe um senso de comunidade e coletividade bastante forte, entre os alunos negros, não só pelas cotas, por nos identificarmos de ter entrado no mesmo sistema. Mas também por ter tido momentos, tanto dentro ou fora de sala de aula, nos ambientes de convivência do departamento. Compartilhando nossas experiências antes e durante da universidade, das vivências nas aulas e comentando sobre textos que envolvem a nossa negritude no departamento. Como ela se apresenta em cena e na aula. Pra mim que sou da licenciatura e a questão de ser uma professora negra. Sempre percebi um espaço aberto para debate, entre os alunos negros. Comecei a me sentir mais aberta para enfrentar casos de racismo, intolerância. Acredito que existe uma grande consciência da maioria dos alunos negros, a respeito dos nossos direitos e deveres dentro do departamento e como reivindicar por eles. Sobre as atividades de integração acadêmicas elaboradas pelo departamento, não me lembro de ter tido/vivenciado, a não ser oficinas ministradas por alunos, não pelo corpo docentes.

III. Você já participou de alguma atividade/projeto/pesquisa/peça, individual e/ou coletiva, dentro do departamento que focava em questões raciais dentro do campo das Artes Cênicas? Caso, sim, quais e como foi? Caso não, por quê?

Entrar em um curso superior demanda tempo. No caso dos cursos de Artes Cênicas, além de leituras nos confrontamos com a preparação/ensaio de cenas, experimentações e pesquisas práticas. Estamos sempre em busca de nossas próprias estéticas em cena.

Durante minha trajetória no curso, passei a procurar pelos significados que um corpo negro pode trazer em cena. Como o peso de um discurso pode chegar ao espectador. Mas em alguns momentos também queria me descolar dessa imagem e ampliar as minhas possibilidades em cena para qualquer tipo de personagem independente de gênero e/ou etnia.

A imagem do negro sempre esteve ligada a estereótipos sociais, então quando ia recorrer a soluções em cena, infelizmente, me pegava incorporando alguns, de forma inconsciente. Quase sempre trazia para cena, uma mulher sensual, buscando ressaltar movimentos dos quadris, o samba no pé ou uma posição mais servil e passiva. Felizmente passei a ter mais consciência do meu corpo em cena e das possibilidades que poderia experimentar.

O objetivo da questão acima estava nas entrelinhas, mais do que saber dos projetos, envolvendo a negritude, realizados pelos estudantes, visava que os mesmos refletissem sobre sua atuação no curso. Com as respostas é possível ver que todos já participaram de projetos em que a negritude era a porta voz em cena.

Podemos destacar o engajamento e interesse por esses projetos dentro do departamento, mas ainda esbarramos na falta ou baixa presença de estudantes negros em projetos que não foquem nas questões raciais, em papéis de grande protagonismo.

É válido frisar que os estudantes negros do departamento, mesmo que em projetos individuais, estão lançando de sua negritude como matéria prima de trabalho e estão experimentando e criando seus teatros negros. Compartilho mais uma fala de Cristiane Sobral.

Teatros negros são lugares de conflito por excelência, onde a negritude é desafiada, provocada ao extremo, são ambientes de catarse, de distanciamento, de subversão das acepções de subalternidade histórica relegada aos negros deste país. Teatros negros são esses que estamos produzindo, éticos, estéticos, políticos e engajados. Espaços de resistência, quilombos da memória guardiã da ancestralidade. (SOBRAL, 2016, p. 115)

Assim podemos dizer que os estudantes negros estão produzindo. Criando protagonismo em suas formações, se alimentando de seus próprios conflitos. Criando espaços de resistência e produção artística.

DISCENTE A – Nesse semestre fui convidada pela aluna Nayara Lira para o elenco de uma peça, as empregadas das sufragistas, sobre o outro lado dentro da história das sufragistas. A luta das mulheres negras, o feminismo negro, que é diferente do branco. Estamos no período de montagem e pretendemos estreiar no próximo ano. Esse foi o único projeto coletivo que eu

participei focado em questões raciais. Mas em trabalhos de final de semestre individuais, sempre foco nisso, quando possível. Neste projeto me sentindo muito abraçada.

DISCENTE B- Faço parte do projeto Cena Sankofa e agora entrei no projeto de direção da Meimei Bastos que é uma aluna negra e tem uma força muito grande. Vai ser um monólogo baseado na poesia de Conceição Evaristo. Também estou em outro projeto, construído de forma independente no departamento, com outras quatro alunas negras

DISCENTE C- Sim, participei da peça: "Canção da saga" de direção da Jessica Laranja. A proposta surgiu a partir da disciplina direção, montamos o texto do Cuti e tivemos a oportunidade de conhecê-lo pessoalmente durante um evento na UnB.

DISCENTE D- Já participei de dois projetos de pesquisas com enfoque na negritude e produzi minha direção nesse sentido. Além disso, minha negritude estabeleceu-se como centralidade durante minha trajetória no curso, ao contrário do que acontece em um contexto geral, aonde somos tratados como tema.

DISCENTE E- Já participei de debates promovidos pelo CACEN, não vi uma atividade promovida pelo próprio departamento não. Esse debate foi importante para que nós estudantes justamente desabafarmos nossas angústias e ansiedade sobre nossa situação presente e futura na profissão. Além do meu projeto de direção e de alguns colegas que focavam nessas questões.

DISCENTE F- Já participei de dois projetos de direção de colegas do departamento, foram apresentados no cometa cenas. E tinham questão racial como tema principal. Foi bem gratificante e importante na minha formação de atriz e pesquisa pessoal, sobre a minha negritude, afro descendência, racismo institucional. Experiências de muito aprendizado

IV. Na existência de atividades dentro do departamento, focadas nas Relações Étnico-Raciais, estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras, no campo das Artes Cênicas. Você teria interesse em participar? Por quê? Quais tipos de atividades?

O objetivo dessa questão era de compreender as atividades de interesse dos participantes desta pesquisa, além de sugestões para ações futuras. Existem infinitas atividades que podem ser exploradas e adicionadas ao ano letivo no departamento.

Por exemplo, novembro é o mês que mais se tem foco sobre as questões raciais em nossos país, devido ao dia da consciência negra, mas nem nesse mês temos ações específicas promovidas pelo departamento.

Analisando as respostas, percebe-se um grande interesse por grupos/núcleos de pesquisa. Estamos dentro de um ambiente universitário e um de seus pilares é justamente a pesquisa. Mas como fomentar isso?

DISCENTE A – Tenho muita vontade de participar de algum estudo coletivo com o foco étnico-racial no campo das Artes Cênicas, mas sinto que são escassos. Eu acho que é extremamente importante. Acontecem muitos casos de racismo velado. As pessoas não percebem e não sabemos como agir. Esses estudos são muito importantes tanto para os negros e para os brancos. É necessário que cada um saiba o local que ocupa no caso o departamento. O tipo de atividade seria uma disciplina específica, grupos de pesquisa e até projetos para montagem de peças.

DISCENTE B- Eu não só teria como já venho fazendo o “corre” dentro da Universidade. Vou atrás desses elementos para conhecer mais sobre e me impor nesse espaço hegemônico. Além de como me portar dentro desse espaço e não comprometer minha saúde mental. Me preparar para responder a ataques racistas. Acho importante a existência, por exemplo, de grupos de estudo e performances artísticas, compreender mais sobre a negritude dentro das Artes Cênicas.

DISCENTE C- Teria interesse em participar de aulas com foco em história e cultura africanas como forma de complementos para explorar na arte-educação.

DISCENTE D- Sim, teria muito interesse em participar. Buscando cada vez mais a descolonização do meu pensamento.

DISCENTE E- Com certeza, pena que não tivemos esses momentos ainda. Gostaria de aulas de dança, pesquisas, e peças que fossem voltadas ao público negro e a atores também.

DISCENTE F- Sim, teria interesse de participar de oficinas de atuação, focadas na negritude, do corpo negro em cena, das nossas vivências, no meu caso de mulher negra. Rodas de conversa/debates, palestras, compartilhar informação. Porque acho importante sempre fruir essas vivências e leituras, do conhecimento que adquirimos sobre nós e do outro, enquanto pessoa negra ocupante do espaço acadêmico, enquanto artistas negros e negras. É importante que se forme um grupo, para termos aonde recorrer, sobre a situação de racismo, testes que foram constrangedores e até criminosos. Então, dentro do departamento, ter uma formação focada em nossa vivência enquanto artista além da história que é muito importante.

V. Nas disciplinas do curso, você já teve aulas focadas nas Relações Étnico-Raciais, estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras, no campo das Artes Cênicas? Quais? Caso não, o que acha dessa ausência?

Nas respostas dos participantes desta pesquisa, vemos que quase todos citam a disciplina de Teatralidades Brasileiras como a única disciplina que “dá uma pincelada” sobre o teatro negro. Como toda disciplina ela tem uma carga pequena e não conseguirá abarcar tudo, mas se analisamos que até a metade do curso você se confrontou com apenas UMA aula sobre o negro no teatro é um tanto quanto frustrante.

Sabemos que um curso não conseguirá abarcar tudo que é necessário para a formação dos discentes. Mas ele deve ter em seu currículo, todas as bases que participaram da construção da identidade do nosso país.

Uma solução em curto prazo seria fomentar a criação de disciplinas optativas, não alcança a todos, mas já seria o começo. Um exemplo, já citado neste trabalho, é a disciplina de Corporeidades Brasileiras, ministrada pelo professor Dr. Jonas Sales. Mas com essa solução ainda esbarramos em outro problema, a quase inexistência de professores negros efetivos no departamento.

DISCENTE A – Ainda não tive nenhuma disciplina que focasse nas culturas africanas e afro-brasileiras. Nada, não tive nada e sinto muita falta. Acho extremamente necessário. Soube que a disciplina de teatralidades, dará uma passada sobre. Mas acho que não é um assunto que deve ter só uma aula que passará por isso. Deveria ter ao menos uma específica para falar sobre isso. Sinto uma grande ausência, sou estudante da licenciatura e quero mudar isso de alguma forma, mesmo sozinha, acho necessário e vou fazer de tudo para conseguir no meu meio tentar mudar isso de alguma forma.

DISCENTE B- Quando você pega uma ementa a gente se depara com ausência de autores africanos e afro-brasileiros. Eu tento questionar os professores e perguntar por que não tem, já que existe uma lei que respalda. Essa ausência nos coloca sempre distantes. Isso também precisa ser apresentado para os estudantes brancos, para eles entenderem um pouco sobre nós. Buscar uma formação mais humana.

DISCENTE C- Não tive. É interessante parar para pensar nisso, em todo meu caminho pela escola básica eu não tive aulas focadas nas Relações Étnico-Raciais, e essa demanda parece

não surgir até o momento onde nos forçamos a falar pensar e se reconhecer enquanto pessoa negra, e como o mundo me percebe e como eu o percebo. Só fui entender esse discurso depois de entrar na universidade, mas não foi através de aulas.

DISCENTE D- Durante a graduação, só tive uma aula sobre teatro negro dentro da disciplina de Teatralidades Brasileiras, ministrada pela professora Luciana Hartmann. Mais uma vez, a negritude sendo tratada como tema. Além disso, essa falta de atitude do departamento trata-se de uma atitude criminosa, haja vista que, a lei 10.639/03 torna obrigatório o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira.

DISCENTE E- Apenas uma disciplina, que abordou o tema em uma única aula, que foi Teatralidades Brasileiras. Em quatro anos de curso temos apenas um dia de abordagem desse tema. Isso é péssimo, a cultura o teatro, não é SÓ europeu ou Brasileiro, temos fortes manifestações artísticas culturais de matriz africana, isso poderia ser exaltado. O estudo da própria capoeira roda de samba, seria incrível. Precisamos entender também a influência Africana na Cultura Brasileira, no modo de se fazer teatro, entender esses rituais são importantíssimos pra qualquer artista.

DISCENTE F- Estudamos teatro negro em uma aula, na disciplina de Teatralidades Brasileiras e eu fui à aluna que ficou responsável para levar material complementar para os colegas. Fiz uma pesquisa bem direcionada ao surgimento do negro no teatro, a relação do artista com o personagem/persona negra. Além disso, entrei em contato com a disciplina optativa de Corporeidades Brasileiras do professor Jonas, mas tive que trancar e no outro momento que foi ofertado não pude fazer. Acho pouco. No caso da optativa, acaba não contemplando a todos e em teatralidades talvez tiver uma segunda parte em outro semestre ou uma disciplina específica para aos alunos. Mas tudo que aprendi sobre na minha formação foi mais pela minha busca pessoal, no departamento acho que ainda falta.

VI. Como forma de mudanças dentro do departamento, o que você acha que falta, quando pensamos as Relações Étnico-raciais, estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras, no campo das Artes Cênicas? Você acha que é importante ter algo relativo dentro do currículo? Por quê?

Esta última questão é uma extensão da anterior, visando aprofundar mais no que deveria ser modificado visando incluir às Relações Étnico-Raciais e os estudos da história e cultura africanas e afro-brasileiras no campo das Artes Cênicas.

Batemos mais uma vez na tecla, precisamos de disciplinas específicas e obrigatórias no currículo. Precisamos de professores negros no corpo efetivo. Criar uma rede de acolhimento para os estudantes negros se perceberem como parte deste espaço, como protagonistas e produtores de conhecimento e material artístico e pedagógico.

Já sabemos do que precisa ser feito, mas diante de tantas problemáticas é difícil pensar em como reverter esse quadro.

DISCENTE A – Precisa mudar tudo, me sinto muito incomodada que só vou ter uma disciplina que vai dar uma pincelada sobre esse assunto. Deve ser trabalhado diariamente com todos. Precisamos de mais peças, intervenções. Por exemplo, tem um aluno chamado Marconi que está fazendo um projeto de fotografar os alunos pretos do departamento, vai imprimir e colar lambe pelo prédio. Acho a proposta bem bacana. Mesmo que sejam projetos individuais, estamos nos movendo, mas o departamento deveria incentivar mais trabalhos com recortes étnico-raciais. Alguma disciplina falar apenas sobre as culturas africanas e afro-brasileiras nas artes cênicas. Mais produção de material acadêmico sobre, pretendo fazer meu TCC voltado a isso, as minhas pesquisas durante o curso terão esse recorte.

DISCENTE B- A inclusão na ementa das disciplinas, debater sobre o povo preto entender o que são essas Relações Étnico-Raciais no teatro. Compreende a cultura africana e afro-brasileira e com isso reverberar entre todas as disciplinas, movimento, voz interpretação e metodologia de ensino. Inclusive um dos professores que me surpreendeu muito foi o Laranjeiras que na disciplina de metodologia trouxe sobre os *griots*, consegui sentir uma faísca de representatividade em sala com esses estudos. Então começa daí, de uma mudança nas ementas, incorporando os elementos como por exemplo a corporeidade que diz muito sobre de onde viemos.

DISCENTE C- Perto de me formar não tenho nenhuma referência a respeito, da qual eu tenho visto em aula. Tudo o que sei foi por pesquisas e demandas individuais. Isso é preocupante. Se pararmos para pensar que a primeira mulher negra a se formar no curso de artes cênicas foi a 20 anos atrás (muito recente) é compreensivo a falta do assunto nas aulas, quem dirá nos currículos. Mas essa é uma realidade que precisa ser mudada com urgência, e espero eu que a realidade modificada na mesma rapidez.

DISCENTE D- É preciso que exista uma mudança curricular e a contratação de mais professores negros.

DISCENTE E- Acho que responde a cinco e a seis juntas.

DISCENTE F- Falta abrir o olhar dos alunos, sair um pouco dessa linha do teatro eurocêntrico. Falta entender/ compreender elementos da arte de origem africana que estão diretamente relacionados ao nosso país. Falta desde a base do nosso curso. É preciso abrir o currículo pro teatro negro e afro-brasileiro, estudar autores e artistas negros, arte de matrizes africanas. Ver a negritude presente dentro da criação artística. Faltam professores negros no departamento e isso é reflexo da desigualdade, da elitismo na universidade, de passar pela peneira e conseguir ingressar no mestrado/doutorado. Falta também a relação/integração das cadeiras interpretação/movimento/voz, agregando esses elementos. Acaba que fica muito no campo da pesquisa. Trazer para os alunos branco, indígenas, integrar essas relações. O curso ainda peca, em não ter muito sobre o teatro brasileiro, afro-brasileiro, africano e oriental. Claro, não tem como contemplar tudo na graduação, mas é preciso ter uma base, um equilíbrio nas disciplinas. Até mesmo na montagem de textos clássicos, trazer elementos da nossa brasilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – TRABALHANDO COM INCERTEZAS

Retomando as primeiras discussões deste trabalho, partimos da construção conceitual do pensamento decolonial. Este parte em contra dos pensamentos hegemônicos, dando voz aos saberes subalternos.

A gênese brasileira parte de um processo de colonização, como em toda a América Latina. Dentro desse processo tivemos momentos infortúnios, como o período escravagista, e que ainda assolam nossa realidade, pois somos um país marcado pela desigualdade racial e social. Como forma de se estancar as feridas deixadas faz-se necessário fomentar o acesso à produção de conhecimento nas mais diversas camadas sociais.

Pensar em soluções não é algo fácil. A decolonização de toda uma sociedade parte de ações nas mais diversas instituições sociais e transformações em longo prazo são postas em cheque com a passagem dos que se encontram a frente do poder.

A decolonização do pensamento comum parte de uma construção tendo como alicerce a garantia da valorização de novas formas de educar e produzir saberes. O pensamento decolonial se alimenta da ressignificação de povos subalternos transformando-os em sujeitos de suas próprias histórias.

Trazendo o pensamento decolonial para uma perspectiva negra, observamos como os povos escravizados tiveram suas tradições moldadas a uma nova realidade. Junto com essas mudanças também surgiram movimentos de luta e resistência.

Com o passar da história, observamos o engajamento de movimentos sociais contra o preconceito racial, estabelecido no Brasil e assim, as frentes de poder passam a considerar a pauta do racismo como um problema de ordem social e deste modo nascem ações que visam modificar, dentro da educação básica. A forma de pensar das futuras gerações. Surgindo assim Leis como a 10.639/03 depois modificada pela 11.645/08.

Até a Lei 10.639/03 entrar em vigência, muito sangue e suor foi derramado e mesmo com sua criação, ela é constantemente colocada à prova. Junto com ela temos outras políticas que visam as reparar às marcas da história brasileira, para com a população negra, como a política de cotas raciais dentro das Universidades Públicas do país.

A entrada de estudantes negros nas Universidades Públicas do país cria um novo embate na produção de conhecimento acadêmico e intelectual. Não basta apenas ocupar esses espaços, mas também ter seus saberes e tradições aceitos e reaplicados como objetos de estudo para as futuras gerações.

Partindo disto, este trabalho tinha como objetivo investigar o ambiente da Universidade, especificamente, o Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, e como ele traz na formação de futuros Artistas e Arte-educadores a aplicação da lei 10.639/03.

No segundo capítulo desta pesquisa, observamos elementos gerais da história da Universidade de Brasília e do departamento. A partir disso focou-se em aspectos dos cursos de graduação oferecidos pelo departamento e como ele contempla o estudo das Relações Étnico-Raciais e estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras, no campo das Artes Cênicas.

Diversas questões foram levantadas, mas não existem respostas certas. Modificar a realidade de um curso superior é uma tarefa complexa e envolve a insistência de todos os presentes nesse meio. Para isso é necessário constante diálogo.

Com esse estudo observamos que não existe uma total ausência, mas o foco nos estudos das Relações Étnico-Raciais e estudos da história e culturas Africanas e Afro-brasileiras no campo das Artes Cênicas ainda são inexpressivos, se comparado as matrizes europeias.

Complementando a constatação deste estudo, partimos para seu terceiro capítulo. Nesse o mote investigativo é a trajetória dos estudantes negros que participaram. Suas respostas se entrelaçam com as minhas vivências no curso. Esse trabalho é sobre locais de fala e a partir delas como pensar em mudanças que beneficiem a todos.

Como resumo a cada fala dos participantes, podemos concluir que os estudantes negros do departamento de Artes Cênicas, cada vez mais buscam por trazer em sua formação profissional, a sua negritude. Ela é inerente a todos, mas compreender isso não se resume apenas a imagem vista no espelho.

Compreender a negritude como elemento norteador em sua formação superior é viabilizar ainda mais a produção de conhecimento acadêmico que contemple as Relações Étnico-Raciais e estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras no campo das Artes Cênicas.

E mais do que compreender a si, é entender a importância de ações coletivas. É possível observar que mesmo com uma forte noção de coletividade, muitos alunos negros no departamento isolam-se dentro de suas potencialidades.

Por isso é necessário, por parte do departamento de Artes Cênicas, incorporar em sua realidade as Relações Étnico-Raciais, possibilitando que alunos negros sintam-se como parte deste espaço e busque que os discentes não negros ampliem suas visões de mundo.

Como já dito, se faz necessário criar disciplinas específicas que contemplem as Relações Étnico-Raciais e estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras no campo das Artes Cênicas. Como também se faz necessária a entrada de mais professores negros/as.

Este trabalho caminha para o fim, concluindo que se deve pensar com otimismo sobre o futuro, mesmo que incerto. Resistindo por nosso espaço na produção de conhecimento no campo das Artes Cênicas. Seja enquanto Artistas e Arte-educadores. Nós, negros/as.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Wendel. Do colonialismo à colonialidade: expropriação territorial na periferia do capitalismo. CADERNO CRH, v. 27, n. 72, p. 613-627, Set./Dez. Salvador. 2014.

BELÉM, Elisa. Afinal, como a crítica decolonial pode servir às artes da cena? ILINX – Revista do Lume. v.1 n. 10. P. 99-106. Campinas. 2016.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; DOS SANTOS, Sales Augusto; SILVÉRIO, Valter Roberto. Relações raciais em perspectiva. Sociedade e cultura, v. 12, n. 2, p. 215-222. Jul/Dec. Universidade Federal de Goiás. 2009.

_____. GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. Revista Sociedade e Estado – v. 31, n. 1. P. 15-24. Jan/Abr. Universidade de Brasília. 2016.

BRASIL. LEI Nº10.639/03, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e da outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em: 05 out 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Diário Oficial da União. Brasília. 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>>. Acesso em: 05 out 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de história e cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: 2009.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes: (o legado da “raça branca”) v.1. 5ª edição – São Paulo: Globo. 2008.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Educação em Revista. v.26. n.1. p.15-40. Abr. 2010.

MIGNOLO, Walter. Histórias Globais projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MNISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Out. Brasília. 2004.

MUNANGA. Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação PENESB - RJ. Nov. 2003.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Orí - A saga atlântica pela recuperação das identidades usurpadas. In: In: SOUZA, Edileuza Penha de (org.). Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da lei 10.639/2003. Vol. 3. Belo Horizonte: Mazza, 2014.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. Educação, Cultura, Linguagem e Arte. Revista Travessias. Ed 04. 2008.

RIBEIRO, Débora. A construção de conhecimentos outros e a lei 10.639/03: uma perspectiva decolonial. EDUCERE. p. 747-761. Curitiba. 2017. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23612_11893.pdf. Acesso: 09 out 2018.

SALES, Jonas de L. Corporeidades negras em cena - um processo cênico-pedagógico em diálogos com a tradição e a contemporaneidade. Tese de Doutorado em Arte. Universidade de Brasília, 2015. 255p.

SANTOS, José Rufino dos. A História do Negro no Teatro Brasileiro. Rio de Janeiro: Novas Direções. 2014. 254p.

SEMINÁRIO CORPO, CENA E AFROEPISTEMOLOGIAS. Brasília. Disponível em: <<http://www.afroepistemologias.art.br/>>. Acesso: 01 Nov. de 2018.

SOBRAL, Cristiane. Teatro Negros e suas Estéticas na Cena Teatral Brasileira. Dissertação de Mestrado em Arte. Universidade de Brasília, 2016. 160p.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

PENNA, Camila. Paulo Freire no Pensamento Decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. Revista de estudos e pesquisas sobre as américas. v. 8. n. 2. 181-199. Universidade de Brasília. 2014.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Educação a distância. Teatro. Projeto Político Pedagógico UAB/UnB. Brasília. 2013. Disponível em:
<https://www.ead.unb.br/arquivos/ppp/ppp_teatro.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2018.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Guia do Calouro 2º/2018, p. 18

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Plano Orientador da Universidade de Brasília. Editora Universidade de Brasília: Brasília. 51p. 1962.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Portal matricula web. Disponível em:
<https://matriculaweb.unb.br/graduacao/curso_dados.aspx?cod=680>. Acesso em 07 set. 2018.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Portal online do Departamento de Artes Cênicas. Disponível em: <<http://cen.unb.br>>. Acesso em 07 nov. 2018.

ANEXO



**Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003.

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

Mensagem de veto

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 10.1.2003

APÊNDICE

MODELO DO QUESTIONÁRIO



Instituto de Artes - IDA

Departamento de Artes Cênicas - CEN

Diplomação em Artes Cênicas II

Dados do (a) participante:

Nome completo:

Ocupação/Cargo/Função:

Idade:

Ano de ingresso no curso/ Ano de conclusão no curso (apenas ex-alunos):

Semestre no curso:

Habilitação:

Entrevista:

1. Enquanto estudante negro (a), como você se percebe no departamento?
2. Como você percebe a relação dos alunos negros dentro do departamento? Conhece alguma atividade de integração?
3. Você já participou de alguma atividade/projeto/pesquisa/peça, individual e/ou coletiva, dentro do departamento que focava em questões raciais dentro do campo das Artes Cênicas? Caso, sim, quais e como foi? Caso não, por quê?
4. Na existência de atividades dentro do departamento, focadas nas Relações Étnico-raciais, estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras, no campo das Artes Cênicas. Você teria interesse em participar? Por quê? Quais tipos de atividades?
5. Nas disciplinas do curso, você já teve aulas focadas nas Relações Étnico-raciais, estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras, no campo das Artes Cênicas? Quais? Caso não, o que acha dessa ausência?
6. Como forma de mudanças dentro do departamento, o que você acha que falta, quando pensamos as Relações Étnico-raciais, estudos da história e culturas africanas e afro-brasileiras, no campo das Artes Cênicas? Você acha que é importante ter algo relativo dentro do currículo? Por quê?